

Os Trágicos Gregos

Por Luís Garrido

HÁ, nos estudos desta ordem, razões de preferência que, segundo o pendor dos espíritos, e segundo muitas circunstâncias variáveis, já do meio em que se vive, já dos acidentes da vida literária, determinam a escolha deste ou daquele assunto. Todas as grandes épocas literárias se distinguem por alguma qualidade particular que as torna mais ou menos dignas de ser estudadas, conforme a lição que se procura. Assim, os que se ocupam da poesia lírica e dramática dirigem-se naturalmente à Grécia, e ali vão também indagar as origens dos sistemas os cultores da filosofia, ao passo que os estudiosos da história e da política voltam a sua atenção para a literatura romana e para a dos três séculos da história moderna. Mas é certo que todas as grandes literaturas oferecem matéria para estudos de diversas naturezas, e as épocas de que não resta tão brilhante nome, os períodos confusos, sem originalidade, pouco fecundos, cujos monumentos não apresentam caracteres de perfeição, de grande alcance científico, essas estepes das letras, cuja existência tem, ainda assim, razão de ser, podem, bem como os séculos de transição e os de renovação literária, que fazem perdoar o incompleto e o provisório das suas obras pelo impulso que dão às idéias, oferecer aos curiosos da história assuntos interessantes, por mais de um lado. Como estes trabalhos não estão sujeitos a regra nem a disciplina, como são de sua natureza independentes, pouco importa que a ciência, numa dada época, procure este ou aquele assunto, com preferência a outros não menos dignos de atenção. O importante é que todos sejam inspirados nos bons métodos científicos, e prosseguidos com diligência. O trabalho ulterior de classificação, revisão e apuração, será feito a seu tempo, fixando definitivamente o que há, nos resultados desses estudos, verdadeiramente interessante para a ciência, vindo desta forma a conciliar-se, com vantagem para todos, o princípio da liberdade, sempre fecundo em consequências úteis, e a unidade, que é essencial para o progresso científico.

A crítica aplicada aos monumentos literários da antiguidade grega e romana foi, durante muitos séculos, inferior, em resultados importantes, ao que merecia a diligência e o saber dos escritores que se davam a esses estudos. Estou bem longe de ser ingrato para com os heróis da filologia e da erudição que, logo desde a Renascença, consagraram aos textos antigos o melhor das suas douradas vigílias, e para com os humanistas que, nos séculos seguintes, caminharam incansavelmente pelas mesmas sendas; mas a todos ou quase todos esses homens verdadeiramente beneméritos da ciência faltavam dois predicados importantes, o gosto, em que eram prodigiosamente inferiores aos autores antigos, que, aliás, estudavam de contínuo, e a inteligência histórica, que só os métodos modernos criaram, por assim dizer, tornando vulgar e quase obrigatório o que era, em outros tempos, exceção. Houve sempre gênios extraordinários, a cuja perspicácia não escapou a íntima relação que existe entre a literatura de um povo e a sua história, as suas instituições civis e políticas, os seus costumes, a sua raça, numa palavra, todos os elementos que lhe constituem a civilização; mas só desde Vico, e, para melhor dizer, muito depois de Vico, porque o grande livro da Scienza nuova esteve longos anos mergulhado na mais profunda escuridão, é que a história reconheceu o seu princípio, delimitou o seu campo, e escolheu, de entre os antigos processos, empiricamente descobertos, os mais convenientes, adoptando outros novos, conforme as necessidades que a ciência ia manifestando.

Na actualidade, existem grande número de trabalhos históricos, fruto da aplicação deste século às coisas da antiguidade, os quais constituem um vasto inquérito sobre o modo de ser daqueles tempos; mas o feracíssimo terreno está longe de ter esgotado os seus elementos de fertilidade. Há largos tratos ainda por arrotear, outros que a ciência tem cultivado incompletamente, outros ainda cuja cultura tem sido prosseguida com actividade, mas que, pela sua inesgotável riqueza, prometem aos novos cultores frutos novos ou talvez melhores. Pela sua preeminência intelectual e política em dois momentos decisivos da história dos povos antigos, pelo incompleto dos monumentos que nos legaram, e pela estreita relação em que as sociedades modernas estão para com elas, oferecem a Grécia

e Roma campo extensíssimo para as investigações da ciência, e, por mais numerosos que sejam os estudos desta ordem, ninguém, instruído em tais matérias, haverá que os julgue bastantes.

E não só pelas causas apontadas suscitam as coisas antigas grande variedade de trabalhos. Em matérias, de si tão obscuras, é fácil e frequente a discrepância dos críticos entre si, donde resulta que tudo ou quase tudo é susceptível de ser encarado por diversos lados. Da divergência de opiniões, do aspecto particular que as coisas tomam, conforme os espíritos que as consideram, procedem, como é natural, resultados contraditórios uns com os outros, que vão gerar novos trabalhos. Acresce a tudo isto que os progressos da ciência tornam hoje relativamente fácil aos engenhos vulgares, a quem apenas se exige grande aplicação, o ingresso em certos estudos que eram antigamente como privilégio de muito poucas, vindo assim a aumentar prodigiosamente, com a mineração dos escritores. o das escritas.

Um dos assuntos seguramente mais estudados é o teatro dos Gregos, ou, para melhor dizer, dos Atenienses. E todavia, posto que seja impossível a qualquer pessoa conhecer todos os trabalhos da crítica, e daí imprudente insinuar que ainda há lacunas por preencher, julgo não me aventurar muito, afirmando que há sempre naqueles monumentos, e particularmente na tragédia, matéria para considerações valiosas. Monumentos de tal ordem, verdadeiros prodígios literários, prometem, em todos os tempos, e por mais curiosamente que tenham sido estudados, revelações interessantes, quando forem examinados cientificamente, isto é, com sincera admiração, sem ideias antecipadas e com muita paciência. A admiração é indispensável, assim como a paciência. A isenção de prejuízos não obsta, por forma alguma, ao sentimento de respeito com que devem ser consideradas obras daquela ordem, tão grandes e tão geralmente louvadas. O espírito do crítico deve estar livre e desembaraçado de prevenções, para que o seu juízo seja próprio e original; mas há uma opinião que necessariamente se impõe ao espírito dos que não estiverem preocupados com sentimentos hostis, é a que proclama a excelência e o alto valor literário dessas obras, que, mais que nenhuma outra talvez, dão testemunho do gênio poético

do povo que as criou; e o crítico que, por desgraça sua, ficar indiferente diante delas, e lhes não compreender as belezas, deve desconfiar de si primeiro do que suspeitar o juízo dos que o precederam. A independência intelectual é uma qualidade apreciável, mas os paradoxos não servem senão para mostrar, algumas vezes, o engenho dos seus autores, e não contribuem, a não ser pela impugnação que excitam, para os progressos da ciência. Na apreciação das produções literárias contemporâneas, ou ainda das menos conhecidas dos tempos anteriores, a crítica goza de mais amplas liberdades. Mas quando se aplica a monumentos consagrados pela geral admiração, convém que vá animada do respeito que essas obras sumas da arte devem inspirar a todas as almas-bem formadas. De outra sorte, arrisca-se a errar gravemente, como tem sucedido a muitos, e, o que mais é, com inteira sinceridade. As tragédias gregas têm grandes belezas, e algumas são obras perfeitas, mas nem todos os que as examinam estão igualmente preparados para lhes descobrir as belezas, para lhes reconhecer a perfeição. Em tudo o que é transitório, no que caracteriza um povo, uma literatura, uma época da história, e os diferença de outros povos, de outras literaturas, de outras épocas, a tragédia grega tem muitas coisas que podem parecer condenáveis a quem a estudar fora do ponto de vista histórico, e preocupado com as obras modernas, filhas de uma civilização diferente. E há, de feito, quem julgue e proclame que essas estranhezas são vícios graves. Mas os que estiverem profundamente convencidos da excelência daquelas obras não-de reagir contra as primeiras impressões desagradáveis, se porventura, o que a muitos não acontece, não forem logo do princípio dominados, e, quando se lhes tiver tornado manifesto que, nas partes essenciais, nas qualidades próprias das produções poéticas, em todos os tempos e entre todos os povos, a tragédia grega resiste com vantagem a todos os reparos que se lhe possam fazer, é provável que as mesmas coisas que, à primeira vista, lhes haviam repugnado tomem aos seus olhos outro aspecto, e que, auxiliados pelas luzes da história, considerando os monumentos nas suas condições de geração e aplicação, se lhes convertam em belezas de primeira ordem os vícios anteriormente notados. A literatura, com ser matéria de razão, tem seus pontos de fé, e, para alguns estudos, julgo, senão indispensável, pelo menos

muito útil, que o crítico professe certas crenças. Estas como opiniões assentes, rochas firmes contra todas as impugnações, podem parecer uma limitação da liberdade do espírito, mas prestam a todos o grande serviço de os precaver contra a temeridade dos seus juízos, forçando-os à atenção mais escrupulosa, à modéstia e à discrição.

Não menos essencial que o respeito é, nestes casos, a paciência. Há muitos a quem a leitura dos trágicos gregos enche imediatamente de admiração, e que são tão felizes, que se deixam tomar desde logo pelas belezas daqueles divinos modelos. Mas é um erro supor que essas belezas se denunciam todas a um exame superficial, e que os monumentos da arte antiga são tão fáceis de compreender como os da arte moderna. Sem tratarmos agora da parte filológica e puramente histórica destes estudos, circunscrevendo-nos à parte literária, ainda aqui, neste campo restrito, há muitas coisas para cuja inteligência cabal é precisa a mais aturada aplicação. Sem reler, uma e muitas mais vezes, aquelas obras-primas, sem as meditar profundamente, comparando-as, já entre si, já com os monumentos correspondentes de outras literaturas e de outras idades, e, principalmente, sem as referir às condições da sua criação, o génio particular do poeta, e do povo para que eram feitas, as origens das fábulas, a sua significação histórica e religiosa, as raízes poéticas, isto é, as obras anteriores, que são como as premissas necessárias destas, e, finalmente, sem avaliar a influência que exerceram na literatura grega e nas literaturas estranhas, ninguém poderá julgar, com bom fundamento, tê-las conhecido como importa. Mas que bela recompensa não está guardada para os perseverantes que não recuarem diante dos obstáculos, e conseguirem tratar familiarmente com esses admiráveis exemplares do génio poético dos Helenos! Por mais árduos que sejam os seus trabalhos, todos se julgarão pagos e satisfeitos. Há, nessas obras, alguma coisa que tem o mágico poder de cativar os mais rebeldes, e o encanto que se encontra, estudando-as, poucas são as que o podem evocar. Na literatura dos antigos, só Homero e Virgílio, Platão, Heródoto e Tito Lívio, Tucídides e Tácito, participam de igual privilégio. Só eles conseguem satisfazer o espírito, cada qual na sua esfera própria, tão completamente, que a crítica, conservando-se aliás sempre armada, e não

poupando os seus mais terríveis golpes, tem contudo de se reconhecer vencida, quanto ao efeito geral, proclamando bem alto a enorme superioridade dessas criações.

É difícil em extremo definir claramente isso que todos sentem, designar de modo distinto as qualidades características daquelas composições. Há nelas todavia uma qualidade comum, que as distingue de muitas obras notáveis do mundo antigo, e de que os modernos não apresentam um único exemplo, a serenidade. Depois que as letras antigas começaram a ser estudadas com certa liberdade que os servis imitadores do século XV e do século XVI não podiam compreender, desde que se tratou de reproduzir antes o espírito das grandes obras gregas e romanas do que as suas formas literárias, tentaram alguns poetas roubar-lhes o segredo daquela admirável serenidade que tanto nos maravilha. Mas nenhum, nem ainda o próprio Goethe, cujo génio abrangia o universo, pôde ressuscitar na arte o que os antigos recebiam naturalmente do seu meio poético, e que é repugnante com o espírito das sociedades modernas, filhas de Roma e do cristianismo, complicadas e veementes, sempre inquietas, e de contínuo perturbadas pela paixão, distraídas por mil coisas mesquinhas que hoje estão no primeiro plano, e que a antiguidade relegava desdenhosamente para a categoria dos problemas secundários, e a braços com terríveis questões políticas e sociais que incessantemente as trazem em sobressalto. Em relação a nós, os Gregos estão como vigorosos adolescentes, cheios de vida e de esperança, para homens maduros, a quem não falta a severa lição da experiência, e que, por isso mesmo, perderam quase todas as ilusões e a divina faculdade da alegria. Não pesavam sobre eles, como pesam sobre nós, trinta séculos da história. Para esses bem-aventurados, o passado apenas se revelava nas formosas lendas, que eram, a um tempo, a sua religião e a sua história, e que, pelo incerto das tradições, pelo variável da interpretação, pela nuvem simbólica que as envolvia, pelas divergências e pelas contradições, deixavam ao seu espírito a mais ampla liberdade. Com a maravilhosa potência própria dos povos do meio-dia, e neles porventura desenvolvida pelas condições do território que pisavam, foi-lhes dado criar todas as formas da arte, e viver tão poeticamente, que as suas próprias

constituições políticas, essas coisas prosaicas por excelência, se nos apresentam impregnadas da mais singular poesia. Por isso nunca o seu espírito perdeu o admirável equilíbrio que se revela em algumas das suas composições literárias, e de que nos dão exemplos mais decisivos ainda os vestígios da arte plástica. Nem as misérias dos primeiros tempos da sua história, nem as angústias patrióticas das guerras da independência, nem os horrores das lutas fratricidas, nem esse longo agonizar, que principia em Filipe de Macedónia e só termina com a conquista romana, nada conseguiu perturbá-los. Predominou a todos os desastres e a todas as humilhações a superioridade do seu génio tranquilo e poderoso, e quando entrou com eles a confusão da decadência romana, a Grécia, tantas vezes vencida, não era mais do que uma sombra.

Têm os Romanos com os povos modernos, isto é, com as sociedades a que deram origem, muito mais numerosos pontos de contacto, e o seu génio era, sem dúvida, menos sereno. Mas a gravidade, a dignidade, a força d'alma, que os caracterizava, e que são qualidades tão vigorosas, posto que menos amáveis do que a serenidade grega, puderam, quando fecundadas pelos raios brilhantes da poesia e da filosofia helénica, alcançar, mediante algum artifício, o que aos Gregos concedia a própria natureza. Mas a arte antiga era tão apurada, que os resultados do estudo apresentaram muitas vezes os caracteres próprios das concepções originais, e é justo reconhecer que o génio terno de Virgílio, bem como os altos engenhos de Tito Lívio e Tácito, ornaram as suas composições de muitas belezas elevadas que admiramos nos modelos e nas produções correspondentes dos Helenos.

Devemos notar contudo que os exemplos romanos são menos numerosos e menos concludentes do que os gregos. Por mais que se revolva a literatura grega, não se encontra, em época nenhuma, uma obra de primeira ordem, tal como o poema de Lucrecio, cuja leitura, provocando a admiração, seja tão profundamente desconsoladora. Na Grécia, a própria sátira, tão amarga e desapiedada entre os Romanos, deixa o espírito muito mais tranquilo e satisfeito. A inesgotável veia sarcástica do cruel Aristófanes, que não poupa nada e nada respeita, pode tornar alvo das suas frechas, umas vezes certas, outras perdidas, mas sempre

agudas, Sócrates ou Cleón, Eurípedes ou Lamaco, os deuses do Olimpo ou os oradores do Pnix. Fiel ao génio travesso da comédia antiga, essa musa indiscreta tem sempre a grande faculdade de nos fazer rir, e portanto o resultado dos seus brincos, não raro atrevidos, nunca aflige permanentemente. E até o génio majestoso, sombrio e violento do pai da tragédia, do titânico Ésquilo, como que se sente mitigado pelos raios suaves do céu da Grécia, por essa luz pura que reveste de alvura e esplendor as proporções colossais dos seus deuses e dos seus heróis. Por isso, a impressão colhida nos grandes monumentos da poesia helénica é sempre benéfica, e, mais que nenhuma outra, pode contrapor-se eficazmente às terríveis impressões que em nossas almas geram as composições, aliás por outros lados eminentes, de muitos poetas modernos.

Em obras de tão singular excelência, como essas de que temos falado, é inútil procurar supremacias. Mas quem se entregasse a esse estéril e, em certo modo, sacrílego trabalho de comparação e classificação, certo que não iria pôr os trágicos gregos nos últimos lugares. Os nomes de Ésquilo, de Sófocles e de Eurípedes não têm acima, no céu da poesia, senão um nome, o de Homero, e outro ao lado, o de Píndaro. E, se reunirmos a estes nomes, que tão brilhantemente representam a musa épica, dramática e lírica dos Gregos, os nomes de Hesíodo, de Aristófanes e Teócrito, teremos enumerado todos os grandes nomes da poesia helénica, já que de outros poetas, dignos porventura de ombrear com alguns destes, Safo, Alceu, Anacreonte, Estesícoro, Simonides, não restam senão fragmentos insuficientes para revelar cabalmente o seu génio.

Daqui se vê que um estudo completo sobre os trágicos gregos abrange parte considerável da literatura antiga, mormente quando, aos trabalhos que lhes forem especialmente consagrados, se associar tudo o que respeita às origens da poesia dramática, e o que se sabe acerca dos primeiros poetas que abriram caminho ao engenho de Ésquilo, não esquecendo as incompletas tradições e os raros fragmentos que restam dos sucessores de Sófocles e Eurípedes, esses *poete minores*, cujas obras não escaparam à mão avara do tempo, e que mereciam talvez, pelo menos alguns, ser conservados, quando não fosse senão em fragmentos consideráveis, com os que permitiram a reconstrução de grande

parte da obra do poeta da comédia nova, o engenhoso Menandro. E, como a tragédia dos Gregos foi incontestavelmente o princípio gerador da tragédia romana, importa igualmente estudar, não só a colecção atribuída a Séneca, mas também os fragmentos de Énio, de Pacúvio, de Ácio e de outros que, não encontrando na terra latina os elementos das concepções dramáticas, foram procurá-los, com vária fortuna e escasso proveito, aos únicos modelos que conheciam.

Mas o estudo será ainda incompleto, se for limitado à antiguidade. A tragédia de esquilão não encontra entre os modernos nada que possa ser-lhe comparado. Aquelas composições gigantescas fogem altivamente à imitação, pela simplicidade e pelo carácter religioso, impossível de reproduzir; mas outro tanto não acontece com Sófocles e sobretudo com Eurípedes. Nas obras deste último filiam-se legitimamente as composições do teatro mais regular, e porventura o mais belo da Europa moderna, o teatro francês do século XVII, e, ainda nos escritores dramáticos do fim do século passado e do princípio do actual, em Alfieri e em Goethe, é visível a influência dos trágicos de Atenas. Portugal satisfaz também o seu tributo de admiração e de estudo. A bela tragédia de António Ferreira, é, não só uma das primeiras composições dramáticas regulares da idade moderna, mas a melhor de todas as que no século XVI procederam da generosa emulação com os antigos.

Só hoje existem, conservados na íntegra, monumentos da literatura dramática dos Atenienses, e, ainda assim, apenas nos resta parte do teatro dos seus trágicos principais. Pela curiosa predilecção que a decadência grego-romana consagrava a Eurípedes, foi o seu teatro o mais respeitado pelo tempo, e é só dele que se conhece um exemplo do drama satírico, género literário em que era eminente o seu predecessor esquilão. Do teatro deste último e do teatro de Sófocles escaparam muito poucas **peças; todavia os monumentos** actualmente existentes bastam para apreciarmos o génio dramático desses grandes poetas.

Segundo o testemunho unânime da antiguidade, foram estes os maiores poetas dramáticos. Vencidos em mais de um concurso, por motivos hoje desconhecidos, a sua glória triunfou dessas injustiças que em todos os tempos

ferem os homens de génio, e nenhum escritor ousou nunca contestar-lhes a enorme superioridade. É todavia lamentável a perda quase total dos iniciadores do teatro, Téspio, Quérilo, Prático, Frinico, esses poetas mais líricos que dramáticos, que foram pouco a pouco destacando a tragédia do ditirambo primitivo, até que o génio criador de Ésquilo a constituiu definitivamente, e a dos rivais e sucessores dos três grandes trágicos. Íon, Sófocles o moço, Agátion e muitos outros, que são hoje para nós pouco mais do que nomes, conservaram a tradição da poesia dramática, sem, ao que parece, introduzirem neste género literário alterações importantes, e não só a Grécia, mas a Sicília, a Grécia Magna, e, no largo período do helenismo oriental, Pérgamo, o Egito dos Ptolomeus, a Ásia dos Selêucidas, numa palavra, todos os países de civilização grega dominante, cultivaram assiduamente, com a inferioridade das decadências, mas com a mais respeitosa devoção, a arte em que os Atenienses tinham sido tão grandes. E os próprios bárbaros não escaparam a esta influência. A supremacia literária dos Gregos, e a nulidade política em que ficou a Grécia própria, desde a conquista romana, fez dos Gregos os missionários por excelência das letras e das artes. Levados pela necessidade a países estranhos, e profundamente instruídos pela sorte adversa nas humildes indústrias dos pobres e pequenos, os Gregos, assim como os Italianos do nosso século, encarregaram-se de encantar e divertir os povos rudes e poderosos que os dominavam pela força, sem lhes fazer perder o sentimento da própria superioridade intelectual. Este sentimento, análogo ao que animava os Mosárabes forçados a emigrar para as serranias das Astúrias, era o único que lhes levantava um pouco a estatura, tão dobrada ao peso da desgraça, e aí se funda provavelmente o que a sua missão produziu, útil e benéfico. Aqueles retores, aqueles sofistas, aqueles escravos, cantores, bailarinos, actores, artistas, gramáticos, cuja influência nem sempre foi pura, prestaram contudo à civilização o imenso serviço de conservar o sacro fogo da ciência e da arte, em séculos de decadência e entre povos bárbaros e semibárbaros, que pareciam incapazes de chegar, por sua própria actividade, a esse estado superior que se chama a vida literária.

Quase bárbaros eram os Romanos quando pretenderam dourar a sua rude civilização com a poesia e com a arte. Nas artes plásticas, ficaram sempre, exceptuada a arquitectura, na imitação, e, na poesia, só a muito custo encontraram a originalidade. Foi-lhes pouco favorável a musa trágica, a avaliarmos pelos restos subsistentes das obras primitivas, e os únicos dramas que se conservaram intactos, os que são atribuídos a Séneca, não logram modificar essa opinião. Puras composições de gabinete, impróprias para o teatro, já por esta consideração, ficariam, como obras dramáticas, em lugar inferior, ainda quando não estivessem maculadas por outras notas de inferioridade. A ingénua e nobre musa dos Gregos, tão simples na concepção, tão sóbria no desenho dos caracteres, tão elevada e ao mesmo tempo tão natural e verdadeira, não inspira, em sentido nenhum, aquelas obras monstruosas, filhas do estoicismo exagerado, artificiais, sem interesse, e, posto que notáveis pelos ditos agudos e pelas enérgicas sentenças que os modernos dali têm aproveitado para o seu teatro, inteiramente destituídas de vida dramática, e, para que resumamos numa só palavra todos os seus vícios, profundamente declamatórias.

Nem estas nem outras obras semelhantes da literatura latina podiam inspirar aos Romanos o gosto do teatro. E, de facto, nunca o teatro foi em Roma uma instituição análoga ao que fora na Grécia, ou ao que é nas sociedades modernas. A musa dramática dos Gregos era filha da religião, por isso as tragédias, ainda depois que se consagraram principalmente à pintura das paixões humanas, conservaram um carácter singularmente elevado e majestoso, que não podiam ter os dramas romanos, oriundos da imitação. O génio grego era poético, e os prazeres do espírito foram sempre comuns a todos, naquela terra privilegiada, porque todos eram hábeis para os gozar. Pelo contrário a literatura romana não se dirigia senão a poucos. Essencialmente aristocrática, faltava-lhe o grande público e a inspiração popular. Honraram-na grandes engenhos, mas a sua influência foi sempre limitada.

O que era popular em Roma eram os espectáculos consagrados aos certames corpóreos. Esses espectáculos não haviam sido desconhecidos à Grécia, mas o que, no país clássico da beleza, fora sempre belo, útil e moral,

eivou-se entre os Romanos das monstruosas predilecções que lhes degradavam o carácter nacional, aliás, por outras feições, grande e digno. O que particularmente os deleitava não eram as belas formas, a destreza consumada, a agilidade, a graça, a harmonia das proporções, a parte artística dos espectáculos. Para eles, o encanto principal residia na magnitude e na variedade das representações, e, mais ainda, nas ferozes comoções que lá iam buscar. Cem leões mortos a frechadas eram coisa de muito maior apreço do que um atleta vencedor na luta, e que disputas equestres poderiam ser comparadas com o sangue correndo a jorros das veias dos gladiadores no desmarcado anfiteatro! Que um povo tal fosse sensível às puras e nobres impressões da poesia dramática, houvera sido o mais singular dos prodígios, e diz-nos a história que esse prodígio não se verificou: as únicas representações, parecidas, em alguma coisa, com a tragédia, que lograram alcançar o favor do povo, foram as pantomimas. Nessas ridículas paródias das grandes composições dramáticas dos Gregos é que se lhes vai encontrar, na antiguidade, o derradeiro vestígio. Ao actor desamparado sucedera o pantomimo triunfante.

Bastam estas considerações para mostrar qual foi a importância da tragédia grega. Influência desta ordem, que se exerce durante séculos, nos povos mais diferentes e nas mais singulares condições literárias, resistindo a todas as influências opostas, e atravessando vitoriosa diversos períodos de muitas e diversas literaturas, para reaparecer entre os modernos, não só, sob a forma de tradição, com fora incomparável, mas directamente, pela geração de novas formas literárias, só pode ser concedida às obras extraordinárias, a essas que, apesar de nacionais por essência, trazem profundamente estampado o carácter de universalidade que as faz reviver em todos os séculos e para todos os povos.